

PAIXÕES DA ALMA, UMA CHAVE DE LEITURA
DO HOMEM CARTESIANOFr. Kater Vinicius dos Santos¹
Dr. Bortolo Vallé²

10

RESUMO: O dualismo substancial que emerge da filosofia de René Descartes, assinala a impossibilidade de relação entre a *res cogitans* e a *res extensa*. Qualquer possibilidade de contato ou ação entre uma e outra não é compreensível devido às propriedades dissonantes e divergentes que cada uma possui. Entretanto, existe um ser no mundo que lida com estas duas realidades, o homem. A mente e o corpo unidos no homem lhe dão um terceiro conjunto de percepções – que se denominam paixões – que não se originam só da mente ou só do corpo, mas da união mente-corpo. No homem, as paixões o ajudam a sobreviver e aprender, e também o difere dos demais animais. Este abordará o dualismo, a união mente-corpo, e as diferenciações do homem com os animais não humanos realizadas por Descartes.

PALAVRAS-CHAVE: Animais. Antropologia. Descartes. Mente-corpo. Paixões.

RESUMEN: La división dualista del mundo, de René Descartes, destaca la imposibilidad de una relación entre *res cogitans* y *res extensa*. Cualquier posibilidad de contacto o acción, entre una y otra, no es comprensible, debido a las propiedades disonantes y divergentes que tiene cada una. Sin embargo, hay un ser en el mundo que se ocupa de estas dos realidades, el hombre. La mente y el cuerpo unidos en el hombre le dan un tercer conjunto de percepciones – que se llaman pasiones – que no se originan solo de la mente o solo del cuerpo, sino de la unión mente-cuerpo. En el hombre, las pasiones lo ayudan a sobrevivir y aprender, y ellas también difieren el hombre de otros seres. Este trabajo abordará el dualismo, la unión mente-cuerpo y las diferencias entre el hombre y los animales no humanos realizadas por Descartes.

PALABRAS-CLAVE: Animales. Antropología. Descartes. Mente-cuerpo. Pasiones.

¹ Frei Capuchinho. Bacharelando do terceiro ano de filosofia da Faculdade Vicentina de Curitiba. Contato: katerkatuaba@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Semiótica, professor do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), do centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA), e da Faculdade Vicentina (FAVI), Curitiba, PR – Brasil, e-mail: bortolo.valle@pucpr.br

INTRODUÇÃO

Uma possível imagem do homem, que se desprende do modo como Descartes apresenta sua filosofia se dá a partir das capacidades do intelecto. A razão, a lógica e a matemática pareceram eclipsar qualquer tipo de “calor humano” no pensamento cartesiano. Mas essa concepção é equivocada. O homem cartesiano é um ser passional e racional, que lida com duas realidades, a *res extensa* (substância material), por ser um corpo e a *res cogitans* (substância pensante), por pensar, e as paixões, como resultado dessa dupla realidade. Além disso, deve-se notar que as paixões são o resultado dessa dupla condição, corporal e pensante.

Descartes, ao buscar o princípio ontológico do conhecimento, fez uma depreciação dos sentidos, por serem passíveis a falhas, e a matemática, por poder estar corrompida por um gênio maligno, para que assim qualquer erro fosse evitado, e o sujeito se voltasse para sua mente solitária, base segura e consistente. Deste modo, ele apresentou as distinções entre a realidade mental e as coisas corporais. Mas esses argumentos mostraram que a mente e o corpo não poderiam exercer qualquer interação, devido ao conjunto de propriedades dessas duas realidades serem incompatíveis.

O homem, porém, por mais que seja “coisa que pensa”, possui corpo. As percepções da mente compreendem um tipo de ligação entre a mente e o corpo. O homem é a união dessas duas substâncias, e por isso lida com as paixões que exercem suas atividades na alma e no corpo, como também poderes específicos em cada uma delas.

1. DUALISMO CARTESIANO

A realidade na concepção cartesiana possui duas substâncias, que poderiam existir por si mesmas de modo independente. A *res extensa*, o mundo físico, é completamente passível à explicação matemáticas e às leis de causalidade. A *res cogitans*, que se diferencia pelo ato de ser pensamento, é uma realidade completamente diferente, que está independente da matéria, não possui partes, é imaterial e que não pode ser explicada na linguagem das ciências naturais (COTTINGHAM, 1999, p. 13).

A “coisa que pensa” encontrado por meio de um esforço de Descartes é o fundamento sólido para todo conhecimento, algo indubitável. Como os sentidos corporais poderiam enganar a percepção, e poderia existir algum tipo

de ser maligno e enganador, o mundo exterior não pode oferecer qualquer tipo de segurança. Ainda assim, a possibilidade de duvidar lhe revelou algo claro e evidente:

Depois, examinando atentamente o que eu era e verificando que podia supor que eu não tinha nenhum corpo e que não havia nenhum mundo ou lugar onde eu existisse, contudo mesmo assim, eu não poderia supor que não existia, bastando o fato de duvidar da verdade das outras coisas para demonstrar, de modo bastante certo e evidente que eu existia (DESCARTES, 2003, p. 42).

12 Duvidando de tudo o que era exterior, a “coisa que pensa”, consegue voltar-se para si mesma, para encontrar a coisa que fundamenta os dados da experiência e da matemática. É uma característica do homem ter uma tendência natural a se voltar para fora, para o mundo. Essa tendência prejudica o estudo da consciência e suas funções. Locke, um crítico do pensamento cartesiano, também apresentou em sua concepção antropológica essa característica, indicando que raramente o homem faz uma considerável reflexão sobre a consciência³. Voltando-se para a mente Descartes visualiza o conjunto de capacidades mentais que validam os conhecimentos epistêmicos. É por meio desta concepção que a mente é mais evidente que o corpo, pois sem ela, nada se pode conhecer⁴.

O ato de duvidar de tudo permite que em todas as situações das quais o homem participa, seja sonhando ou acordado, manifestam a sua consciência. Existe alguma coisa que duvida, e essa coisa indica uma identidade, uma “coisa” que pensa. No sonho essa identidade participa com sua individualidade, como faz também na vigília. O tempo todo a mente está tendo consciência de alguma coisa, ou de si mesma. Deste modo, Descartes (2004, p. 49) presume a seguinte máxima, parar de pensar é o mesmo que parar de existir.

³ “A tarefa dos homens consiste em se familiarizarem com o que existe para ser encontrado exteriormente; e assim, crescendo com atenção constante para as sensações exteriores, raramente os homens fazem alguma reflexão considerável sobre o que ocorre com eles, até atingirem a idade adulta, e alguns raramente, e mesmo jamais (LOCKE, 1991, p. 29)”.

⁴ “De modo que eu, isto é, a alma pela qual eu sou o que sou é inteiramente distinta do corpo e até mais fácil de conhecer do que este e, mesmo que o corpo não existisse, ela não deixaria de ser tudo o que é (DESCARTES, p. 2003, p. 42)”.

Para Skirry (2010, p. 59), Descartes fez uma inovação na concepção de alma, ao torna-la sinônimo de mente, tese que contraria a visão escolástico-aristotélica, na qual a mente só apontava uma parte da alma, a racional. A alma teria ainda mais duas partes, uma sensível e outra vegetativa. Descartes rompe com essa visão ao compreender a mente como sinônimo da alma de modo total. Desta maneira, a alma não possui partes, e as capacidades sensitivas e vegetativas são, em vez de partes, funções da alma racional. A alma é “reduzida” às operações do intelecto. Somente os homens possuem mente, o que significa que somente eles possuem alma⁵. **A mente é a característica ontológica de toda humanidade.**

A alma tem características distintas da *res extensa*. Além da capacidade de perceber (pensar), ela é imaterial, sem partes, e por isto, ela no pensamento cartesiano recebe a categoria de ser pura substância, diferente do corpo por possuir diversas partes. A matéria (coisa extensa), pode ser dividida, é regida por leis de causa-efeito e segue um ciclo de decomposição. O corpo morre, a alma, não⁶, ela é imortal, justamente por ser imaterial e poder existir, segundo Descartes, separada do corpo, por ser uma realidade imutável, diferente do corpo. A alma é a característica essencial do homem:

Mas, que o corpo humano, na medida em que difere dos outros corpos, é constituído por certa configuração de membros e de outros acidentes desse modo, ao passo que a mente humana não é constituída dessa maneira, a partir de acidentes nenhum, mas é pura substância (DESCARTES, 2004, p. 39).

O corpo não é a característica específica do homem, pois um homem poderia nascer sem braços ou pernas, e continuar sendo homem, mas, não ter mente, significaria não ser homem. Descartes (2004, p. 51) define as características

⁵ A visão das almas dava uma hierarquia entre os seres, uma hierarquia de capacidades. Todos os seres tinham vida. Descartes, ao unir a mente com o termo “alma”, tirou dos demais animais e vegetais “a vida” e os coisificou. Para Descartes (2012, p. 59) todas as características da alma, nutrição, sensação e razão, são funções de uma única alma. Se a alma só está nas coisas que pensam, logo tudo o que não pensa não possui vida, é algo mecânico. O corpo humano e toda a natureza são compostos de peças que podem ser separadas e estudadas. Essa concepção favoreceu o progresso científico, mas retirou dos seres qualquer dignidade e direito.

⁶ “Ora, embora o ser humano não seja, inteiramente mental, é ainda essencialmente uma coisa mental. Uma vez que a mente ou alma é parte da sua natureza verdadeira e imutável (SKIRRY, 2010, p. 187)”.

da mente: “A saber, coisa que duvida, que entende, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente”.

A *res extensa* é a parte que se difere do pensamento. O corpo é a ponte que aproxima o homem de tudo o que não pensa, sejam os animais, vegetais, minerais etc. (DESCARTES, 2003, p. 50). A matéria possui propriedades calculáveis e é infinitamente divisível, e por estes motivos ela pode ser entendida e estudada. As coisas corporais podem ser comparadas a um relógio, ou qualquer coisa automática, que enquanto está funcionando é porque está bem disposta, mas que por algum motivo pode se decompor.

Os atos biológicos involuntários, tais como o metabolismo, circulação de sangue e líquidos pelo corpo e secreção realizados por todos os seres vivos da natureza, são movimentos puramente mecânicos, e automáticos, e são independentes da alma⁷. Como em um relógio, uma engrenagem que gira, faz com que a outra gire, e assim sucessivamente todo o sistema funciona. Caso a alma fosse considerada por Descartes necessária para os movimentos do mundo, os animais, ou tudo que possui algum movimento necessariamente deveria ter alma. Entretanto, o movimento pertence às coisas materiais, que giram em um sistema de causa e efeito constante, mas finito. Neste sentido qualquer corpo orgânico pode ser considerado uma máquina revestida de pele (DESCARTES, 2003, p. 56).

O homem é o único ser que lida e contém em si as duas substâncias, que existem na concepção cartesiana independente uma da outra, a *extensa* e a *cogitans*. A alma, mesmo não possuindo extensão ocupa todo o corpo, pois ela faz este corpo ter vida, que não se iguala a ter movimentos, mas a ter sensações que não são só do corpo ou só da alma, mas da união das duas substâncias (DESCARTES, 2012, p. 49). Ainda que o homem se identifique com as realidades mentais, as coisas que acontecem com o seu corpo o afetam. Mas como seria possível a alma imaterial e sem superfície de contato material ser “atingida” pela realidade física? As duas substâncias em Descartes, o pensamento e a matéria, são antagônicas, o que significaria explicitamente que não poderiam se comunicar.

Descartes ao afirmar que a mente e o corpo são substâncias radicalmente distintas faz uma dicotomia irreconciliável. Para Heunemann (2012, p. 65), Descartes quebrou o universo em dois e nunca construiu uma ponte de re-

⁷ Mesmo o homem possui uma grande quantidade de ações involuntárias e mecânicas, como a circulação do sangue, a digestão. Mas ele também tem ações que dependem de sua vontade.

conciliação e encontro. Qualquer relação alma e corpo se enquadraria em um esquema motor-móvel, que implicaria um agente que move e um ser pacífico que é movido, o que só é possível para substâncias que participam da mesma condição na existência, o que não é o caso entre a mente e o corpo:

Mas no caso de movimentos corpóreos voluntários o contato da mente com o corpo seria impossível, dada a natureza não extensa da mente. Isso porque o contato tem que ser entre duas superfícies e superfície é um modo dos corpos. Como a mente não tem superfície para entrar em contato com o corpo, não pode movê-lo. Por isso, se a mente e corpo são completamente diferentes, parece que não há explicação inteligível para o movimento corpóreo voluntário (SKIRRY, 2010, p. 173).

A resposta para este problema de interação causal é dada por Descartes em sua concepção antropológica. A relação da mente e do corpo não é como a de um marinheiro no navio⁸, mas uma união dessas *res* em um ser. Se a mente fosse um tipo de marinheiro do navio que é o corpo, todas as ideias de dor, prazer, fome e outras, não seriam percebidas. O marinheiro não sente nada em si quando seu navio bate em algo no mar. Mas a alma sente quando seu corpo é atingido por algum objeto. A concepção do homem deste modo possibilita uma resposta, ainda que incompleta, para as interações das duas substâncias e explica o surgimento das ideias como dor, prazer, tristeza e alegria (SKIRRY, 2010, p. 176).

2. A INTEGRALIDADE DO HOMEM POR MEIO DAS PAIXÕES DA ALMA

A concepção de marinheiro no navio não consegue abranger as ideias de sentimentos e emoções. Mas essa concepção serviria para explicar os movimentos voluntários, onde a mente “conseguiria” mover o corpo, do mesmo modo que o marinheiro pode controlar a direção do leme. Todavia, a dor que o homem sente traz uma característica decisiva, que não é uma percepção

⁸ “A natureza também me ensina, por essas sensações de dor, fome, sede etc., que não estou presente a meu corpo como o marinheiro ao navio. Estou a ele ligado de modo muito estreito e como que misturado com ele, a ponto de com ele compor uma só coisa (DESCARTES, 2003, p. 175)”.

puramente intelectual ou física. O homem possui percepções que existem somente por causa da união mente-corpo.

Para Skirry (2010, p. 181) o homem pode ser compreendido enquanto união mente-corpo, por meio da representação de um triângulo circunscrito⁹. Nessa figura que é “única” há duas figuras claramente distintas e possíveis de existência separadas uma da outra. Elas juntas geram pontos comuns, que só existem quando estão unidas. No homem, os “pontos” convergentes da alma e do corpo se denominam paixões.

Descartes sempre se refere quando discute a união mente-corpo: as emoções, sentimentos e paixões. Essas são modalidades da consciência exclusivas do compósito humano mente-corpo, e é aqui, acredito, que o “caráter primitivo” da noção de união deva ser explicado (COTTINGHAM, 1999, p. 48).

16

Descartes (2012, p. 71) define seis paixões principais das quais derivam muitas outras. São elas, a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. Elas possuem origem externas, quando o corpo se fere, ou come sua comida favorita, ou internas, quando a mente se envergonha de falhar em suas atividades. Mas dos dois modos as paixões revelam que o homem é passivo para recebê-las e não possui um controle sobre elas. Mas as paixões podem ser “adestradas”¹⁰.

Para Cottingham (1999, p. 49) as paixões não são redutíveis à alma ou ao corpo. Para exemplificar tal implicação, a paixão da fome se manifesta de dois modos, que podem aparecer separados ou juntos. Há uma fome que se manifesta intelectualmente na “vontade de comer”, como também, há outra que se sabe pelas contrações do estômago, um evento fisiológico.

As paixões ajudam o homem de três modos. Em primeiro a conservar a união, em segundo lugar, fazer o homem agir, e por fim, o ajudam no conhecimento. O objetivo principal das paixões é conservar a união, ou melhor, a vida do homem. É por este motivo que a alma está “extensa” em todo o

⁹ O exemplo de Skirry é retirado do próprio Descartes, mas é fraco, pois neste exemplo as figuras do triângulo e do círculo pertencem a realidade extensa, diferente da situação mente-corpo.

¹⁰ “Assim, quando o medo representa a morte como um mal externo e que só pode ser evitado pela fuga, se a ambição de outro lado representa a infâmia dessa fuga, como um mal pior que a morte, essas duas paixões agitam diversamente a vontade que, obedecendo ora a uma, ora a outra, se opõe de maneira contínua a si próprio, tornando assim a alma escrava e infeliz (DESCARTES, 2012, p. 60)”.

corpo, pois quando o corpo se fere, o “eu” entende a dor, e a percebe como dor localizada. Isto produz uma resposta emocional e corporal para aliviar, ou se livrar do incômodo.

Assim, por exemplo quando os nervos do pé sofrem um movimento veemente e maior do que o habitual, esse movimento estende-se a partir deles, pela medula da espinha dorsal, até atingir as partes internas do cérebro, de onde transmite um sinal à mente para que ela sinta algo, isto é, sinta uma dor como existente no pé a qual excita a mente a fazer quanto possa para remover essa causa nociva (DESCARTES, 2004, p. 189).

A segunda função das paixões é colocar o homem em movimento. O movimento pode ser de fuga ao enfrentar algum perigo, ou de coragem em algum problema. As paixões preparam o corpo da melhor maneira possível para se comportar e realizar de modo assertivo uma ação necessária, e dá à mente a evidência e a clareza que tal ação será mais proveitosa que a outra (DESCARTES, 2012, p. 55). Entretanto as paixões se apresentam com violência e por isso conseguem deturpar a realidade do fato, ou a capacidade racional, levando o homem também ao erro¹¹.

E, no que diz respeito ao conhecimento, os sentimentos ajudam a mente a reter melhor e mais eficazmente certas ideias. Do mesmo modo como todos os objetos vêm associados a uma ideia de prazer, que incita a buscá-los, ou de dor, que incita a evitá-los, a união consegue pelos sentimentos adquirir conhecimentos mais eficazes e claros, do que aqueles vindos pelo esforço e constante recordação. A admiração e a descoberta de algo novo faz com que o sujeito se centre em um objeto, de tal forma, que não saia da experiência sem possuir ideias claras e distintas sobre ele (DESCARTES, 2012, p. 75).

Descartes está propondo que o modo pelo qual o sujeito participa de uma experiência tem grande influência na distinção e clareza das ideias resultantes dela. A indiferença ou desinteresse por certo conteúdo impedem a mente de adquirir este conhecimento, enquanto a ânsia e a inclinação à outro facilitam a aquisição dessas ideias. Portanto, o aprendizado, com toda a sua complexidade será mais ou menos eficaz de acordo com as paixões do sujeito.

¹¹ “Além disso, elas [as paixões] quase sempre fazem parecer, tanto os bens como os males que representam, muito maiores e mais importantes do que são (DESCARTES, 2012, p. 109)”.

3. O HOMEM E OS ANIMAIS NÃO HUMANOS, UM ABISMO MENTAL E PASSIONAL

A definição corrente do homem cartesiano está fundamentada nas faculdades mentais. Como foi dito anteriormente, ele possui também paixões, que só existem pela união mente-corpo. O homem é o único ser que tem estas duas substâncias. Descartes promoveu um novo paradigma, ao identificar o fundamento da existência ao “cogito”, e fez uma outra, ao afirmar que o pensamento e a alma são sinônimos.

Na concepção aristotélica existiam três almas, uma racional, da qual os homens possuem, e que se caracteriza pelas capacidades mentais, as faculdades de inteligência e volição¹². A segunda alma, da qual participa todos os animais, se denomina sensitiva e tem por propriedades as capacidades de sentir e perceber o mundo. E a terceira alma, que é mais simples, da qual participa os seres vegetais, a alma vegetativa, que tem a capacidade de se nutrir.

Todos os seres participam de um tipo de hierarquia, da qual o homem é o ser superior dentro desta escala. Por isso, a alma racional também possui as capacidades das almas sensitiva e vegetativa. A alma sensitiva, por sua vez, carrega em si a outra alma inferior, que é a vegetativa. E por fim, a alma vegetativa está limitada às suas próprias capacidades.

Descartes vê no esquema aristotélico um grande engano. Na verdade, todas estas “almas”, são faculdades de uma única alma, a racional. “Isso porque não há em nós senão uma só alma e esta não tem em si nenhuma diversidade de partes. A mesma que é sensitiva é racional e todos os seus apetites são vontades” (DESCARTES, 2012, p. 59).

O posicionamento de Descartes em relação à divisão das almas conforme o posicionamento de Aristóteles demanda duas consequências. Por um lado, a alma racional só pertence aos homens, portanto, os animais não humanos não

¹² Segundo Reale e Antiseri (2003, p. 213), Aristóteles propõe três tipos de alma, sendo elas a racional, a sensitiva e vegetativa. O princípio comum das almas é dar vida aos seres biológicos, mas cada uma dessas possui características próprias. A alma vegetativa se caracteriza pelas propriedades de nascimento, nutrição e crescimento. A alma sensitiva postula as faculdades da sensação, percepção e movimento. E a alma racional de caráter intelectual que tem as funções do conhecimento, da deliberação e da escolha.

têm alma e nem sequer “vida”¹³, por outro lado, não possuem paixões e, conseqüentemente, não são capazes de terem emoções e sensações, inclusive dor.

Nós devemos observar que Descartes pensava que somente os seres humanos possuem tanto mente e matéria. Os demais animais, como o jumento e as girafas, têm corpos, mas não têm mentes. Descartes considerava os animais não humanos como algo similar a complicados brinquedos orgânicos, que foram programados para se comportar de maneiras diversas, mas que não experimentam nada ou que possuam qualquer grau de consciência. Ele foi criticado por pensadores que o sucederam por encorajar uma desconsideração pelo sofrimento de animais não humanos. De fato, ele acreditava que eles não sofriam, independentemente do que lhes aconteça (HEUNEMANN, 2012, p. 62).

A concepção da substância extensa assegura o posicionamento mecânico, pelo qual, Descartes vê os animais não humanos. O movimento poderia indicar algum tipo de vida, ainda que reduzida a um estado puramente biológico, sem consciência alguma. Mas na concepção cartesiana, todo movimento é simplesmente uma relação de causa e efeito em ciclo, onde uma ação gera a outra, e é puramente automática, como as engrenagens de um relógio. Os animais não humanos se movimentam do mesmo modo que um relógio se movimenta, por causa de engrenagens que giram as outras repetindo o ciclo até o desgaste delas (Cf. DESCARTES, 2012, p. 41). Os movimentos humanos involuntários participam em igualdade a todos os movimentos dos animais não humanos.

Ainda que homens e animais, em Descartes, sejam seres divergentes, ambos podem “aprender a se comportar” em situações específicas. Um cachorro pode ser “adestrado” a evitar certa ação, ou auxiliar a polícia a encontrar drogas e armas. No caso do homem, suas ações são, às vezes, condicionadas pelas paixões, que revelam também um tipo de caráter animal, instintivo, que mais prejudica a atuação humana que a ajuda. As paixões podem ser “adestradas”, para que assim o homem seja livre delas, por meio de juízos¹⁴ ou por outras paixões (COTTINGHAM, 1999, p. 52). Como os animais não possuem paixões, o adestramento de suas ações ocorre devido a padrões repetidos de estímulo e resposta. “Suponho que se você chicoteasse um cão cinco ou seis vezes ao som

¹³ A questão decorre do entendimento comum aristotélico de alma como princípio de vida. Nesse sentido, toda coisa viva tem uma alma (SKIRRY, 2010, p. 60).

¹⁴ A palavra juízo pode se referir a um axioma pessoal, religioso, ou social, que sirva para nortear uma ação, algum tipo de princípio ético.

de um violino, ele começaria a uivar e correr assim que ouvisse novamente a música (DESCARTES, 1630, apud COTTINGHAM, 1999, p. 52)”.

Além do pensamento e das paixões, Descartes (2003, p. 57), dá mais dois motivos que identificam a ausência da alma nos animais não humanos. O primeiro se refere às habilidades que os animais possuem, que podem ser superiores às dos homens, mas que se reduzem sempre a algo específico. O homem lida com situações novas no decorrer da vida. Ele pode ao enfrentar novos problemas, por meio da sua razão, buscar soluções, criar instrumentos que o auxiliem na busca de recursos. Essa possibilidade não acontece com os animais e as máquinas, que só conseguem lidar com as coisas dentro de um padrão finito, um sistema limitado.

O segundo motivo está na incapacidade que os animais têm de ser comunicar¹⁵. Descartes não está se referindo à comunicação que acontece entre animais de uma mesma espécie, mas está indicando uma incapacidade de criar meios para se comunicarem com os homens. O motivo desta inaptidão não está na falta de órgãos. Descartes exemplifica que os homens nascidos surdos-mudos, mesmo sem terem os órgãos da fala ou da audição, criam sinais para se expressar com os outros e conseguem ser entendidos. Um cachorrinho, neste ponto de vista, quando vem saltitando ao encontro do seu dono que acabou de chegar não quer dizer nada. Esta “recepção alegre”, na verdade é simplesmente uma dedução de uma paixão inferida do dono para uma coisa não humana.

A linguagem articulada não só revela uma característica própria do homem, como também aponta para a essência humana, da qual os animais não humanos não participam. “A conclusão que Descartes tira daí é que a linguagem é um ‘sinal seguro’ da presença de uma entidade totalmente imaterial em nosso interior — a alma racional (COTTINGHAM, 1995, p. 97)”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem cartesiano não é redutível somente à mente, ele é uma composição mente e corpo. As paixões servem, portanto, para preservar os homens dos perigos promovendo respostas mentais e corporais para cada situação

¹⁵ “Lá [no Discurso sobre o método] ele diz que a capacidade de usar a linguagem é um sinal de racionalidade. Assim, uma vez que não podem usar linguagem, os animais, não são racionais (SKIRRY, 2010, p. 61)”.

encontrada. Além disso, as paixões auxiliam as capacidades cognitivas e podem ser adestradas caso forem indevidas, por meio de juízos e de outras paixões.

Por meio da associação da concepção de mente com a concepção de alma, Descartes retira dos animais não humanos qualquer tipo de vida ou dignidade. Ao transformar a alma em sinônimo de mente, não houve uma expansão de características da alma, pelo contrário, ela se confundiu como faculdades mentais. Assim, só os homens possuem alma e por isso, são os únicos seres a terem vida subjetiva. Ainda que os animais pareçam ter vida por se moverem, na verdade, eles são como máquinas melhoradas, que funcionam dentro dos princípios físicos de causa e efeito, até quando “durar a bateria”. Mas a morte ou o desgaste do corpo dos bichos, indica uma condição limitante também humana, ainda que só os homens morram, pois os animais no máximo “estragam”.

A humanidade ganha, no pensamento cartesiano, uma dignidade especial, a posse da razão. Tudo aquilo que não possui o “pensar” é tratado friamente. A concepção cartesiana da realidade permite o progresso científico, pois a *res extensa* pode ser entendida de acordo com leis fixas. Mas o que a ciência ganhou por esse caminho, a humanidade perdeu axiologicamente em relação ao cuidado com a natureza, que pode ser tomada como um lugar de extração predatória e tratada com indiferença e desdém. Como é possível defender a natureza, de um homem que parece ou se sente independente dela? Seria correta a posição cartesiana, da redução da vida animal a um estado automático-mecânico e instintivo? Será que aquele cachorrinho que vai saltitando até seu dono, não possui algo a mais que um instinto determinante?

REFERÊNCIAS

COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martin Claret, 2003

_____. **Descartes**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

_____. **Paixões da alma**. São Paulo: Lafonte, 2012.

HEUNEMANN, Charlie. **Racionalismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. In: _____. **John Locke**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 9v. (Coleção Os pensadores).

REALE, Giovanni; Antiseri, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. São Paulo: Paulus, 2003. (Coleção História da filosofia).

SKIRRY, Justin. **Compreender Descartes**. Petrópolis: Vozes, 2010.